ARTIGO

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

# Cuidado de si e docência contemporânea: uma análise a partir de pressupostos foucaultianos

Care of the self and contemporary teaching: an analysis based on foucauldian assumptions

El cuidado de sí y docencia contemporánea: un análisis a partir de presupuestos foucaultianos

Janeísa Botelho Barros Benevides[1], *https://orcid.org/0009-0006-5712-1796*

Ginaldo Cardoso de Araújo[2], *https://orcid.org/0000-0002-2407-5790*

**Resumo:**
O objetivo deste artigo é analisar as implicações do conceito foucaultiano "cuidado de si" no exercício da docência na contemporaneidade. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica. Os resultados evidenciam que a docência contemporânea se encontra atravessada por desafios de ordem social, histórica e subjetiva. Sob a lógica neoliberal, o sujeito-professor passa a constituir sua existência segundo valores como proatividade, inovação, eficiência e eficácia. Tal contexto contribui para o sentimento de desprofissionalização, adoecimento e enfraquecimento da identidade docente. A ética do cuidado de si, na perspectiva foucaultiana, apresenta-se como possibilidade de resistência no campo educacional, ao promover a problematização do sujeito sobre sua relação consigo, com os outros e com o mundo, ao favorecer ao educador a capacidade de reinventar-se a partir de si mesmo como gesto ético, político e formativo.
**Palavras-chave**: cuidado de si; Michel Foucault; docência; subjetivação.

**Abstract:**
The aim of this article is to analyze the implications of the Foucauldian concept of care of the self for contemporary teaching practice. Methodologically, this is a theoretical and bibliographic study. The findings indicate that contemporary teaching is permeated by social, historical, and subjective challenges. Under neoliberal rationality, teachers come to shape their existence according to values such as proactivity, innovation, efficiency, and effectiveness. This context contributes to feelings of deprofessionalization, illness, and the weakening of professional teacher identity. From a Foucauldian perspective, the ethics of care of the self emerges as a potential form of resistance in the educational field, as it encourages subjects to problematize their relationships with themselves, with others, and with the world, while enabling educators to reinvent themselves through an ethical, political, and formative process of self-transformation.
**Keywords:** self-care; Michel Foucault; teaching; subjectivation.

**Resumen:**
El objetivo de este artículo es analizar las implicaciones del concepto foucaultiano de cuidado de sí en el ejercicio de la docencia contemporánea. Metodológicamente, se trata de una

[1] Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Gunambi, Bahia, Brasil; janeisabotelho@hotmail.com
[2] Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Gunambi, Bahia, Brasil; garaujo@uneb.br

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

investigación teórico-bibliográfica. Los resultados evidencian que la docencia contemporánea está atravesada por desafíos de orden social, histórico y subjetivo. Bajo la racionalidad neoliberal, el sujeto docente pasa a configurar su existencia según valores como la proactividad, la innovación, la eficiencia y la eficacia. Este contexto contribuye al sentimiento de desprofesionalización, al deterioro de la salud y al debilitamiento de la identidad docente. Desde una perspectiva foucaultiana, la ética del cuidado de sí se presenta como una posibilidad de resistencia en el ámbito educativo, al promover la problematización de las relaciones que el sujeto establece consigo mismo, con los demás y con el mundo, favoreciendo que el educador pueda reinventarse a partir de sí mismo como un gesto ético, político y formativo.
**Palabras clave:** el cuidado de sí; Michel Foucault; docencia; subjetivación.

## Considerações iniciais

A docência contemporânea encontra-se atravessada por uma série de desafios de ordem social, histórica e subjetiva. No centro dessa problemática situa-se o ser professor, de quem se exige uma postura crítico-construtiva e a capacidade de lidar com situações complexas do cotidiano escolar, como dificuldades de aprendizagem, desinteresse, conflitos, diversidade cultural e comportamentos de apatia (Gatti, 2011a). Nesse contexto, sob a influência da racionalidade neoliberal, compreendida como um regime de produção de verdades e de condução de condutas, o sujeito passa a constituir sua existência a partir de uma lógica mercadológica, pautada em valores como proatividade, inovação, eficiência e eficácia, elevados à condição de princípios organizadores da vida.

Tal racionalidade, progressivamente internalizada, extrapola o campo do trabalho e passa a incidir sobre múltiplas esferas da existência, operando na conformação de modos de ser alinhados à lógica do desempenho e da autovalorização constante. Trata-se de uma pedagogia difusa, porém eficaz, que orienta condutas, produz identidades e regula escolhas sob o imperativo da autonomia individual, da produtividade e da responsabilização de si (Silva, 2023). No interior dessa racionalidade, determinadas disposições – como eficiência, flexibilidade, comprometimento, competitividade, produtividade contínua, busca por rentabilidade, empreendedorismo, disciplina e conformismo – são naturalizadas como atributos desejáveis, operando como critérios normativos de reconhecimento e sucesso. Desse modo, configura-se a figura de um sujeito ideal, cuja adesão a tais valores se apresenta como condição de inserção e validação social, ainda que atravessada por efeitos de ilusão e por formas sutis de regulação de sua conduta (Pinheiro, 2022).

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

No campo educacional, essas dinâmicas incidem diretamente. O estímulo à competitividade e à concorrência e a omissão do Estado podem contribuir para a naturalização da exaustão emocional docente, o esmaecimento do sentido da profissão (Petrini, 2022) e o crescimento de práticas excessivamente burocratizadas. Ao mesmo tempo, questões estruturais fundamentais para o desempenho acadêmico como a desigualdade social, a fome e a precariedade da infraestrutura escolar são desconsideradas ou silenciadas nos discursos educacionais vigentes (Velasques; Weinheimer; Wanderer, 2024).

Observa-se, nesse contexto, a perda dos referenciais valorativos que outrora orientavam o exercício da profissão docente. As transformações sociais e as reformulações nos sistemas educacionais deixaram de oferecer um direcionamento claro à prática pedagógica. Diante desse contexto, torna-se imperativo que os professores reconstruam sua identidade profissional, ressignifiquem sua atuação por meio da identificação de novos valores. Nesse cenário, instala-se uma crise de sentido que atravessa a docência contemporânea, para a qual é urgente um olhar mais atento sobre os processos de constituição do sujeito e sobre a possibilidade de exercício da liberdade.

Diante dessa crise de sentido e dos modos contemporâneos de subjetivação, o pensamento de Foucault (2006), especialmente a noção de *cuidado de si*, mostra-se particularmente relevante para a problematização da docência. Distanciando-se de uma compreensão restrita ao senso comum, o cuidado de si não se limita a práticas voltadas ao corpo ou à gestão do tempo, embora possa incorporá-las. Trata-se, antes, de uma noção ético-filosófica vinculada ao governo de si, no qual o conhecimento de si se constitui como eixo central de sua realização. Nessa chave analítica, o cuidado de si opera simultaneamente nos planos intrassubjetivo e intersubjetivo, configurando-se como uma prática relacional que tem origem no sujeito, mas que se constitui e é continuamente reconfigurada na com o outro e por meio dessa relação (Soave, 2020).

Ao deslocar o foco das análises centradas exclusivamente nas relações de poder para as práticas éticas de constituição de si, Foucault evidencia a possibilidade de exercício da liberdade no interior dessas mesmas relações. A organização do pensamento foucaultiano é, comumente, estruturada em três fases: a fase arqueológica, pautada pela reflexão sobre as construções do discurso e dos regimes de saber; a fase genealógica, focada no dinamismo do poder e nos dispositivos de controle social; e a terceira, marcada pelos questionamentos sobre a constituição

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

da ética do sujeito. É precisamente nesta última etapa que se insere o interesse desta pesquisa, ao retomar elementos da filosofia ascética da Antiguidade. No curso *A Hermenêutica do Sujeito*, realizado no Collège de France em 1982, Foucault recorre aos ensinamentos da tradição greco-romana com o objetivo de examinar as formas pelas quais o sujeito se relaciona com a verdade, não por meio de imposições externas, mas por práticas de subjetivação.

Essa mudança de olhar implica uma mudança de foco: das estratégias de poder e disciplinamento, tão presentes em fases anteriores de sua obra, para modos éticos de constituição de si. Assim, o filósofo destaca como determinadas práticas de si inspiradas em exercícios espirituais e formas de autoconhecimento podem oferecer resistência aos processos de sujeição, abrindo espaço para a construção de uma liberdade ética. Nessa perspectiva, Foucault (2004, p. 03) afirma que "a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade". Essa compreensão permite pensar o exercício de liberdade em sua dimensão ética, na medida em que envolve a reflexão do sujeito sobre a própria conduta e a possibilidade de constituir diferentes modos de conduzir sua existência. Assim, Foucault empenhou-se a identificar de que maneira poderiam ser formados sujeitos capazes de exercer a resistência, a qual, em sua concepção, não se constitui algo natural ao homem, e sim consequência de um processo de subjetivação. Sob tal enfoque, o sujeito foucaultiano distancia-se da concepção cartesiana de um eu centrado, estável e previamente constituído e é compreendido como resultado de práticas históricas, discursivas e éticas (Soave, 2020).

O cuidado de si, nesse contexto, pode ser depreendido como um exercício ético que permite o cultivo de vínculos verdadeiros consigo mesmo, de modo constante e permanente. Isso requisita do indivíduo uma escuta mais zelosa do seu interior e pode favorecer a constituição de relações sociais que reflitam, de forma coerente, as transformações vividas pelo sujeito. Para compreensão objetiva das dimensões envolvidas no cuidado de si, Foucault destaca três aspectos essenciais. O primeiro concerne ao cuidar de si como uma atitude existencial, uma disposição que orienta o modo como o sujeito se posiciona diante de si, do mundo e dos outros, elegendo uma forma particular de presença no mundo. Em segundo lugar, envolve uma conversão do olhar, um movimento reflexivo que convida o sujeito a voltar-se para sua vida interior, para os processos de pensamento que o constituem. Por fim, Foucault enfatiza que o cuidado de si não se limita a uma disposição intelectual ou abstrata, mas compreende um conjunto de práticas, técnicas e exercícios concretos, cujo objetivo é

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

promover, ao longo do tempo, a transformação ética e até mesmo a purificação do sujeito (Mendonça; Leandro, 2021).

Transposta para o campo educacional, essa perspectiva permite compreender que o professor precisa exercer a ampliação das possibilidades de exercício da liberdade no modo como pensa e vivencia sua profissão, atuando como um sujeito ético em contínuo processo de constituição de si. O fazer pedagógico, nesse sentido, pode ser compreendido como uma *prática de si* que implica o conhecimento de si mesmo, a condução reflexiva das próprias condutas, a análise crítica de seu modo de ensinar e uma escuta interior contínua. Ao correlacionar o conceito foucaultiano de cuidado de si ao contexto pedagógico, nota-se que essa noção oferece subsídios relevantes para reflexão sobre a formação de professores, que ultrapassa seus aspectos técnicos ou metodológicos.

Desse modo, o cuidado de si emerge como um princípio fundamental para a docência contemporânea, ao possibilitar a construção de uma relação mais consciente, crítica e ética com a própria prática. Ao cultivar tal exercício, o professor não apenas ressignifica sua atuação, mas também cria condições para uma prática educativa mais sensível, reflexiva e comprometida com a formação integral dos sujeitos (Orben; Rocha, 2022). Diante disso, interessa neste texto analisar as implicações do conceito foucaultiano “cuidado de si” no exercício da docência na contemporaneidade.

Para atender a esse propósito, realizou-se uma pesquisa teórico-bibliográfica, a partir de dois movimentos: o primeiro consistiu na seleção de escritos de Foucault sobre a noção em tela para leitura e análise; no segundo movimento, recorreu-se a artigos científicos publicados em periódicos especializados da área de Educação que abordam a temática deste estudo. O texto que ora se apresenta está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se o contexto da docência na contemporaneidade; em seguida, discute-se a noção de cuidado de si, cunhada pelo filósofo Foucault (2006); posteriormente, analisam-se as implicações dessa chave analítica para a docência contemporânea; e, por fim, nas considerações finais, são apontadas algumas contribuições do cuidado de si para a profissão docente, à luz da literatura especializada na área.

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

**Sobre a docência contemporânea**

As relações sociais contemporâneas são profundamente influenciadas pelos avanços tecnológicos, que introduzem novas formas de ser, pensar e se relacionar. A convivência mediada pelas mídias, pela informática, pelos meios de comunicação e pelas redes, sejam presenciais ou digitais, impacta diretamente a maneira como os sujeitos convivem e constroem vínculos. As crianças que ingressam na escola trazem consigo experiências e saberes diversos, bastante distintos daqueles de gerações anteriores. Nesse contexto, os professores atuam em meio a contradições e tensões, o que torna sua prática repleta de desafios. Velasques, Weinheimer e Wanderer (2024, p. 16) destacam que, "além de cuidar de si e dos alunos, é preciso gerenciar as faltas, as mazelas e as misérias, de forma que, independentemente do contexto, o investimento feito em educação retorne em resultados".

Para além do papel de ensinar, exige-se que compreendam a realidade dos alunos, sejam capazes de motivá-los e contribuam para sua formação integral. Com isso, amplia-se o distanciamento entre a idealização da docência e as condições reais de trabalho, dadas as múltiplas funções que o professor é chamado a desempenhar Gatti (2011b). Assim, o "cuidar e educar tornam-se conceitos fundamentais, exigindo do professor conhecer seus alunos a nível individual e adotar metodologias que os estimulem a aprender de maneira significativa [...] para prosperar no mundo do trabalho e na sociedade em geral" (Velasques; Weinheimer; Wanderer, 2024, p. 9-11).

Tal exigência ultrapassa o domínio técnico de conteúdo ou habilidades cognitivas: impõe ao educador valores e atitudes que lhe permitam agir com flexibilidade, inventividade e abertura diante das dificuldades do cotidiano escolar Gatti (2011b). A prática docente parece se aproximar cada vez mais de uma atividade gerencial focada no público e que teria por meta principal a promoção da aprendizagem como meio de conduzir o aluno à autonomia cidadã (Velasques; Weinheimer; Wanderer, 2024). Desse modo, "o trabalho docente não é definido mais apenas como atividade em sala de aula, ele agora compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, [...] à discussão coletiva do currículo e da avaliação" (Oliveira, 2004, p. 1132).

Diante dessa realidade, os professores sentem-se, com frequência, pressionados a assumir responsabilidades que extrapolam sua formação, no esforço de atender às crescentes

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

demandas pedagógicas e burocráticas. Acabam, assim, exercendo funções que vão além do ensino, como apoio emocional, assistência social, cuidados de saúde, entre outras. Essa sobrecarga contribui para um sentimento crescente de desprofissionalização, enfraquecimento da identidade docente e a percepção de que, frente a tantas exigências, o ato de ensinar deixa de ocupar o centro de sua prática (Oliveira, 2004). Com isso, a identidade docente passa a ser associada cada vez mais à figura de um treinador, encarregado de maximizar o desempenho dos alunos por meio do desenvolvimento de competências e habilidades específicas. De acordo com Silva (2023), nessa abordagem pedagógica, a formação teórica é gradualmente substituída pelo conhecimento prático, e os sujeitos são preparados para lidar com a instabilidade e adotar comportamentos alinhados às demandas do mercado neoliberal.

É possível notar que o neoliberalismo se apropria das emoções como meio de conduzir as ações humanas, intensificando seus impulsos. Nesse contexto, os professores passam a ser considerados modelos a serem seguidos e elementos-chave nesse projeto de educação neoliberal. Os estudantes, por sua vez, são diretamente influenciados a aprender a autogerenciar-se, ajustando suas condutas às normas estabelecidas (Velasques; Weinheimer; Wanderer, 2024). Nessa perspectiva, as práticas de governo podem tanto influenciar os sujeitos a se tornarem governáveis quanto estimular neles a capacidade de autogoverno (Foucault, 2008). Assim, conduzidos pela lógica da urgência e da produtividade, os jovens são cada vez mais cedo compelidos a tomar decisões significativas para o futuro, muitas vezes sem o devido preparo ou o suporte necessário para fundamentar tais escolhas.

A escola, assim, assume o papel de instrumento de controle comportamental, ao difundir os princípios neoliberais por meio da mobilização emocional (Velasques; Weinheimer; Wanderer, 2024). Por isso, autores como Nóvoa (2019) defendem ser de fundamental importância atentar ao modo como se constrói a identidade docente, considerando o percurso singular que cada indivíduo trilha dentro da profissão. Inspirando-se em Carl Rogers, ele afirma que *tornar-se professor* é, antes de tudo, *tornar-se pessoa* – um processo que exige reflexão não apenas sobre dimensões pessoais, mas também sobre os aspectos coletivos que permeiam o magistério. Para Nóvoa, ninguém se forma docente de maneira isolada: o contato, o apoio e a colaboração de outros profissionais são indispensáveis nessa trajetória. É importante, portanto, compreender a docência em sua totalidade, explorando suas dimensões teóricas, culturais, ideológicas, simbólicas, políticas, entre outras.

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

**Sobre o cuidado de si**

Em suas análises dos discursos vinculados ao saber e ao poder, Michel Foucault disponibilizou instrumentos teóricos para problematizar os dispositivos que moldam a constituição do sujeito. Esses conceitos ajudam, também, a compreender a prática docente e os processos de subjetivação no interior da escola. Ao questionar como o poder se estrutura teoricamente e opera nas interações sociais, ele desenvolveu um vasto repertório conceitual a partir de um aparato metodológico sofisticado. Entre os conceitos que elaborou, destacam-se biopoder, governamentalidade, dispositivo, discurso, microfísica do poder, técnicas de si, biopolítica e genealogia – todos voltados à compreensão dos modos sutis e estratégicos de controle e produção de subjetividades (Resende, 2016).

Para esta pesquisa, é pertinente explorar as técnicas de si, seguindo o percurso traçado por Foucault, que o conduziu à filosofia greco-romana da Antiguidade e à espiritualidade cristã monástica dos séculos IV e V. Cuidar de si, na Grécia antiga, era uma prática ética, intrinsecamente ligada ao autoconhecimento, compreendido como elemento essencial para uma convivência social harmoniosa. Nesse sentido, os sujeitos dedicavam-se a práticas cotidianas que expressavam sua missão de vida, como o autoexame em momentos de retiro, a meditação e a escrita introspectiva. Esta última desempenhava papel central como instrumento de autovigilância, permitindo ao indivíduo analisar seus pensamentos, ações diárias e características espirituais; e refletir sobre o corpo, uma vez que se acreditava que uma vida bem-sucedida exigia uma relação equilibrada entre corpo e alma. Já para os cristãos monásticos, o cuidado de si assumia uma dimensão espiritual, voltada à fé e à conquista da vida eterna (Silva, 2023).

Com esse olhar histórico, Foucault percebeu que tais técnicas se fundamentavam em atitudes voltadas ao aprendizado da arte de viver, sustentadas pela convicção de que o autogoverno conduziria à verdade e à plenitude da existência. “Um cuidar de si mesmo que buscava, em movimento de ações constantes, um aperfeiçoamento constitutivo, um cuidado de si que formava o conhecimento a partir das formas de significações [...]” (Teixeira, 2022, p. 17). Assim, verificar o passado e observar como os sujeitos se comportavam diante de regras culturais impostas possibilitaria “[...] compreender a *diferença* em relação ao que hoje podemos fazer de nós mesmos a fim de apontar novas possibilidades de subjetivação no interior de nossa própria cultura” (Candiotto, 2016, p. 78). Nesse sentido, a subjetividade – compreendida como forma

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

singular de percepção e relação com o mundo – apresenta limites que não se reduzem à presença ou à ausência de ideologias, mas dizem respeito ao modo como o sujeito se relaciona consigo mesmo (Teixeira, 2022).

Foucault observa que a partir do século XVI a temática do cuidado de si é retomada de forma incipiente e fragmentada, já sem o prestígio que possuía nas épocas helenística e romana da Antiguidade. Ao revisitar essas tradições, o filósofo as interpreta criticamente e destaca alguns aspectos fundamentais para sua análise. Entre eles, está a compreensão de que o cuidado de si é uma prática contínua ao longo da existência e pode ser assumido como um verdadeiro estilo de vida. Nesse processo, o sujeito torna-se objeto da própria atenção. Além disso, essa postura exige uma luta permanente, que demanda do indivíduo força interior e coragem para enfrentá-la durante toda a vida (Orben; Rocha, 2022). Assim, as técnicas de si – "que transformam as condutas e os pensamentos dos indivíduos em nome de um determinado ideal de perfeição, de felicidade, de pureza, de sabedoria ou de imortalidade, que eles esperam alcançar" (Silva, 2023, p. 96) – investigam os meios de construção das subjetividades e, de forma articulada, questionam os modos de sujeição por meio dos quais os indivíduos passam a se reconhecer e a se afirmar como tal (Orben; Rocha, 2022).

Conhecer a si mesmo é algo que pertence ao próprio sujeito, a partir de um movimento interior que requer uma construção moral contínua dentro de uma cultura de si. A cultura de si caracteriza-se pela importância atribuída ao exercício do cuidado de si (Teixeira, 2022). Convém, então, chamar atenção para três aspectos centrais nesse itinerário de constituição do sujeito. O primeiro refere-se à atitude pessoal de cuidar de si (*epiméleia heautoû)* como necessidade de voltar a si mesmo; o segundo está na articulação entre o indivíduo e a atenção dada ao cuidado de si como exercício ético de liberdade e trajetória formativa contínua. Finalmente, a terceira dimensão diz respeito às técnicas de si, compreendidas como uma estrutura de condutas voltadas para a constituição de si mesmo no contexto de um processo educativo (Teixeira, 2022).

Sob essa perspectiva, o cuidado de si pode ser compreendido como um processo de aprofundamento da relação reflexiva do sujeito consigo mesmo, mediado por práticas filosóficas que favorecem uma problematização contínua de sua própria constituição. Tal movimento implica reconhecer o sujeito como uma realidade dinâmica, em constante transformação, que se constitui na interação com o outro e por meio dessa interação. Não se trata, portanto, de

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

estabelecer uma verdade exterior a ser simplesmente revelada, mas de um exercício de interiorização que instaura uma relação ética consigo, configurando-se como uma prática intrapessoal orientada à construção de si como sujeito.

## O cuidado de si e suas implicações na docência contemporânea

Nas últimas décadas, o trabalho docente na educação básica brasileira, especialmente no Ensino Médio, tem sido atravessado por profundas transformações decorrentes da implementação de políticas educacionais orientadas pela racionalidade neoliberal. Esse movimento, marcado pela centralidade da eficiência, da performatividade e da gestão por resultados, tensiona o núcleo da atividade docente, cujo fundamento reside na resposta à necessidade social de formação humana (Libâneo; Alves, 2012). A docência, nesse sentido, viabiliza processos por meio dos quais os sujeitos se educam, aprendem e desenvolvem suas capacidades intelectuais, constituindo-se prática intencional e socialmente situada. Não se trata, portanto, de mera execução técnica ou de aplicação instrumental de habilidades operacionais, mas de uma atividade simultaneamente teórica e prática, na qual o fazer está intrinsecamente articulado ao pensar. Ainda de acordo com Libâneo e Alves, a ação docente configura-se como movimento reflexivo, em que a prática é permanentemente mediada pelo pensamento, resultando em uma atuação consciente, crítica e fundamentada.

Diante da complexidade dos desafios e das exigências que marcam a docência contemporânea, o professor encontra-se imerso em um emaranhado de narrativas e discursos que o interpelam, afetam sua subjetividade e o tornam vulnerável aos dispositivos de disciplina e controle. Nesse contexto, a atuação sobre as subjetividades, tanto no âmbito da formação inicial quanto na formação continuada de docentes – e, por conseguinte, na formação discente –, efetiva-se por meio de dispositivos curriculares que alcançam amplos contingentes de sujeitos. Tais dispositivos tendem a capturar parcela significativa do tempo e da atenção dos indivíduos, operando na internalização de valores alinhados à lógica da eficiência, do empreendedorismo, da produtividade e da intensificação da competitividade entre estudantes, professores e instituições escolares. Desse modo, o currículo deixa de ser uma mera instância organizadora de conteúdo para operar como dispositivo de produção de subjetividades, orientando modos de pensar, agir e se relacionar (Pinheiro, 2022). Sob essa perspectiva, diferentemente do que ocorria

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

na Idade Média, período em que o exercício do poder se dava majoritariamente por meio da violência física, a modernidade inaugura formas mais sutis e eficazes de governar os sujeitos, baseadas na produção de regimes de saber que legitimam determinadas práticas em detrimento de outras. Esses saberes normativos produzem efeitos de verdade que moldam os indivíduos, os quais passam a se autorregular para serem reconhecidos e aceitos em determinados contextos sociais (Orben; Rocha, 2022).

Nesse horizonte, as transformações nas formas de exercício do poder incidem diretamente sobre o campo educacional, especialmente sobre o trabalho docente. Nascimento (2024) evidencia que a intensificação do trabalho docente se manifesta tanto pela ampliação dos ritmos quanto pelo aumento da intensidade das atividades desenvolvidas e pela elevação do número de turmas e disciplinas assumidas pelos professores. Esse processo envolve, ainda, a incorporação de componentes eletivos e de unidades curriculares oriundas do denominado "Novo Ensino Médio", as quais, em muitos casos, não apresentam correspondência direta com a formação superior dos docentes.

Nessa mesma direção, Dildey (2023) aponta que o aumento das atribuições docentes tem levado à progressiva ocupação do tempo destinado ao planejamento – cada vez mais reduzido – por atividades de gestão, registro, controle, prestação de contas e responsabilização, frequentemente definidas sem a participação dos professores. Tal configuração contribui para a descaracterização da identidade docente, ao deslocar o foco da atividade pedagógica para demandas administrativas. Além disso, a chamada "pulverização" do trabalho em diferentes escolas dificulta a construção de vínculos com a comunidade escolar e a compreensão do contexto socioeconômico dos estudantes, o que favorece o esvaziamento da atividade docente e da própria escola como espaço de produção de conhecimento. Por sua vez, Bandeira (2021) destaca que o reconhecimento social da profissão constitui um elemento central para os professores, na medida em que o sentido atribuído ao trabalho docente se vincula à possibilidade de transformação da realidade e da vida dos alunos. Contudo, sentimentos como medo, angústia e frustração mostram-se recorrentes no cotidiano profissional, coexistindo, de forma paradoxal, com experiências de satisfação em relação à própria carreira.

Em seus estudos, Sena (2022) afirma que um contexto marcado por elevada competitividade, a sobrecarga de trabalho, a pressão temporal, a responsabilidade excessiva e a ausência de apoio institucional configuram fatores relevantes na produção de estresse

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

patológico no ambiente laboral. Ademais, em muitos casos, tais condições persistem mesmo após o afastamento das atividades que desencadearam o sofrimento psíquico. Entre os elementos apontados como fontes de tensão, destaca-se, ainda, a pressão por metas, estratégia amplamente adotada por organizações com vistas à otimização do desempenho e à ampliação da lucratividade. Inseridos nessa lógica de mercado, diversos professores relataram atuar sob parâmetros educativos que não correspondem à realidade dos educandos, o que intensifica o descompasso entre as exigências institucionais e as condições concretas do trabalho pedagógico.

Nesse contexto, Nascimento (2024) conclui que a gestão por resultados, articulada à implementação de políticas educacionais baseadas no monitoramento contínuo, na divulgação de indicadores e em mecanismos de bonificação e responsabilização, contribui para a modelagem do trabalho docente segundo uma lógica produtivista. Esse modelo de trabalho tem se configurado como um processo profundamente desgastante e desfavorável aos professores, pois amplia de maneira significativa a sobrecarga de trabalho e opera como mecanismo de pressão permanente, especialmente por meio da exigência contínua de cumprimento de metas que desconsideram as condições concretas de funcionamento das escolas e as reais possibilidades de atuação docente.

Como consequência, tal configuração constitui um fator relevante na geração de sofrimento físico e psíquico entre os professores, conforme apontam Nascimento (2024) e Castro Neta (2020). Esse sofrimento, por sua vez, tende a favorecer processos de proletarização do trabalho docente e intensificar quadros de adoecimento entre os profissionais que integram a categoria. Nesse sentido, o contexto laboral, bem como as condições objetivas oferecidas ao trabalhador, exerce influência significativa sobre sua qualidade de vida e saúde. As relações estabelecidas com colegas, superiores e demais sujeitos no ambiente profissional, somadas às exigências impostas pelo trabalho e à pressão constante por desempenho e resultados, podem contribuir para o desenvolvimento de quadros patológicos e para a intensificação de estados de sofrimento. Ademais, as exigências direcionadas à escola tendem a se sobrepor às atribuições próprias da identidade e da prática docente, conforme destaca Castro Neta (2020), o que reforça o processo de deslocamento do professor de sua função formativa para demandas de caráter predominantemente instrumental.

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

É nesse cenário que a ética do cuidado de si, sob a perspectiva de Michel Foucault, emerge como uma via possível de resistência no contexto educacional, constituindo-se um modo de ação que ilumina a consciência da relação entre o sujeito e o mundo (Silva, 2023) bem como entre o professor e o aluno. Nessa direção, o cuidado de si configura-se como uma postura essencialmente reflexiva, incompatível com atitudes superficiais ou com a realização de práticas desprovidas de aprofundamento no autoconhecimento, como aquelas associadas a intervenções estéticas imediatistas. Desse modo, esforços voltados exclusivamente à satisfação de desejos passageiros, especialmente quando marcados pelo egoísmo nas relações interpessoais, revelam-se limitados e insuficientes para promover um desenvolvimento autêntico e profundo do sujeito (Primo, 2025).

Além disso, refletir sobre os processos e modos de subjetivação na contemporaneidade – marcada por um estágio avançado do neoliberalismo – implica reconhecer que a escola se configura como um território existencial atravessado por saberes, discursos, regimes de verdade e múltiplos devires. Nesse contexto, torna-se necessária uma postura afirmativa e interventiva do pesquisador diante das forças que modelam a experiência docente, compreendendo a docência não apenas como espaço de sofrimento, mas também como campo de disputa e possibilidade de reinvenção, conforme aponta Luz (2023).

Sob essa perspectiva, as relações construídas em sala de aula devem ser orientadas pela atitude crítica do educador de que todos os docentes e discentes estão inseridos nos jogos de verdade produzidos culturalmente. A atuação do professor, portanto, não deve estar limitada a um papel social previamente estabelecido, mas fundamentar-se no exercício constante do cuidado de si. Sem essa prática, torna-se inviável exercer, de maneira autêntica e ética, o cuidado com o outro, no caso, o aluno. Ao transpor o cuidado de si para sua prática pedagógica, o professor orientará o uso dos conteúdos, planejamentos, escolhas e objetivos com base em uma pedagogia ética, de natureza dialógica (Orben; Rocha, 2022).

O cuidado de si permite ao indivíduo conquistar uma relação mais profunda e ampliada consigo mesmo e com os outros, sem se dispersar em ações desnecessárias. Dentro dessa perspectiva, prepara o sujeito para um processo de autotransformação orientado pela busca da verdade. Essa trajetória implica movimentos autônomos do próprio sujeito e revela uma verdade que não se subordina ao saber já estabelecido. Trata-se, portanto, de uma proposta que se opõe a concepções totalitárias de conhecimento e formação (Teixeira, 2022). Ainda assim, para Silva

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

e Freitas (2011), a pedagogia pode ser compreendida como prática formativa voltada à ampliação das possibilidades de transformação dos sujeitos, favorecendo processos nos quais estes se reconhecem, se deslocam ou se reinventam nas experiências produzidas no âmbito educativo.

Tal perspectiva desloca a análise de uma concepção essencialista de sujeito para a compreensão dos processos de produção de subjetividade. Nessa configuração ética, não se parte da ideia de um sujeito previamente dado ou dotado de identidade fixa, mas de modos historicamente situados de subjetivação. Assim, a subjetividade deve ser entendida como algo que se constitui em distintos contextos institucionais, tornando-se objeto de saber produzido e legitimado como possível, desejável e necessário (Corazza, 2001). Isso porque, de acordo com Bandeira (2021, p. 17), "o distanciamento entre teoria e prática, realidade e formação conduz a um trabalho esvaziado de sentido, fruto da própria concepção de educação e de sujeito do neoliberalismo".

À luz dessa compreensão, Luz (2023) ressalta que, na ausência de um ensino comprometido com a crítica e com a problematização das ideologias e das práticas discursivas que produzem assujeitamento, torna-se inviável transgredir e superar as formas sutis e estratégicas de apropriação dos discursos e saberes envolvidos na constituição das subjetividades. Desse modo, a dimensão pedagógica assume papel central na disputa pelos modos de produção do sujeito no interior da escola. Nessa mesma direção, o autor evidencia que o trabalho docente, compreendido como prática de resistência, agonística e de escrita de si, insere-se em um plano de práticas tensionado pelas forças que o constituem, situando-se em um campo diagramático atravessado pela macropolítica e pela micropolítica. Nesse entrelaçamento, emergem possibilidades de renovação na produção da saúde mental e coletiva no exercício da docência, especialmente quando se reconhece o potencial inventivo do cotidiano das existências e das relações sociais. É nesse horizonte que o cuidado de si se configura como uma via singular para repensar a noção de sujeito na educação, afastando-se de posições polarizadas acerca de sua definição, pois não busca estabelecer uma concepção fixa ou acabada do humano e de sua formação (Silva; Freitas, 2011).

Todavia, sustenta-se que o cuidado de si, conforme desenvolvido por Foucault (2006), ultrapassa a dimensão estritamente emocional ou assistencial, configurando-se como prática ética e política capaz de tensionar os modos de subjetivação produzidos nas instituições

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

educativas. Dessa maneira, a articulação entre as dimensões ética e política do cuidado de si reside em uma postura ativa e inquieta daquele que se dispõe a exercer suas práticas. Trata-se de uma atitude que envolve, simultaneamente, o governo de si, entendido como atenção e vigilância sobre a própria conduta, e o cuidado em relação aos outros. Assim, para Gomes, Ferreri e Lemos (2018), o cuidado de si configura-se como instrumento que possibilita reconfigurar o campo político, na medida em que a problematização da ética, isto é, da relação que o sujeito estabelece consigo mesmo, incide sobre a estruturação das condutas no âmbito coletivo.

A ausência de práticas de cuidado de si tende a favorecer a adesão acrítica às racionalidades biopolíticas, conduzindo o sujeito a uma posição de acomodação frente aos dispositivos de poder que regulam a vida. Nesse contexto, observa-se a redução da existência à lógica econômico-produtiva, na qual o indivíduo passa a orientar-se prioritariamente por critérios de desempenho e utilidade, em detrimento da experiência plena do viver. Tal processo implica uma forma de autoexclusão, já que o sujeito se distancia de si mesmo, relegando o cuidado consigo a um plano secundário e subordinando sua existência às exigências das atividades que desempenha. Ainda que o exercício profissional possua relevância inegável, a partir de uma perspectiva foucaultiana, não deve constituir o eixo central da vida, sob pena de reforçar mecanismos de assujeitamento que limitam a liberdade e a constituição ética do sujeito (Soave, 2020).

Nesse sentido, Libâneo e Alves (2012) alinham-se a Foucault ao defender que a educação deve ser um processo contínuo de diálogo entre educador e educando, favorecendo a interação, a escuta mútua, a reflexão crítica e o compromisso ético-social. Tal compromisso se concretiza por meio do cultivo de valores e de atitudes críticas diante de situações desafiadoras do convívio social, como a política, a economia, o consumismo, o individualismo e a violência. A participação cidadã que emerge do diálogo e da construção de consensos compartilhados pode viabilizar a revitalização da esfera pública, uma vez que, à medida que os sujeitos desenvolvem sua capacidade de aprendizagem dentro de uma perspectiva comunicativa, torna-se possível superar as diversas formas de dominação. Nesse contexto, a escola constitui um espaço no qual se produzem e circulam discursos e práticas que participam da formação dos sujeitos, atravessando suas maneiras de pensar, agir e relacionar-se com os outros. Desse modo, a dimensão ética constitui um dos pilares centrais da escola contemporânea.

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

Diante do exposto, conclui-se que o conceito foucaultiano de cuidado de si constitui uma chave ética e prática relevante para repensar a docência e o ser professor na contemporaneidade, ao favorecer no sujeito a possibilidade de reconstruir sua relação consigo mesmo. Nesse sentido, sustenta-se que o cuidado de si, conforme desenvolvido por Foucault (2006), oferece uma abordagem analítica potente para compreender a docência não apenas como espaço de sofrimento, mas também como campo de disputa e possibilidade de reinvenção. Ao articular ética e política, tal noção permite deslocar o debate da mera responsabilização individual para a problematização dos regimes de verdade e das racionalidades que estruturam o trabalho docente no contexto neoliberal.

Trata-se, portanto, de um processo que exige coerência entre práticas e modos de subjetivação bem como um engajamento efetivo do sujeito com sua própria formação. Nessa direção, o cuidado de si implica a construção consciente de si como sujeito ético e envolve dimensões corporais, cognitivas e relacionais (Teixeira, 2022). Tal concepção pressupõe, ainda, de acordo com Soave (2020), uma postura reflexiva diante das próprias ações, articulada ao exercício da liberdade, tanto no percurso formativo do indivíduo quanto na constituição de uma prática educativa mais aberta, ética e dialógica. Essa configuração torna-se possível a partir das brechas que se instauram no interior das relações de poder, quando o sujeito se engaja em um movimento crítico de problematização de si, o que possibilita a constituição de espaços de relativa autonomia nessas mesmas relações.

## Considerações finais

Procurou-se, neste artigo, analisar as implicações do conceito foucaultiano “cuidado de si” na docência contemporânea. Inicialmente, apresentou-se um panorama da docência contemporânea, seguido da análise do conceito de cuidado de si na obra de Michel Foucault, culminando na articulação entre esses dois eixos no tópico “O cuidado de si e suas implicações na docência contemporânea”. Com base nessa discussão, é possível afirmar que o cuidado de si não se configura como um elemento acessório ao exercício docente, mas como um de seus fundamentos constitutivos. Ser professor vai além da simples transmissão de conhecimentos: implica colocar o educando no centro do processo formativo, dispensando-lhe uma atenção que envolva, inclusive, o cuidado com a maneira como ele se compreende e se constrói como sujeito.

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

Com base nesse alicerce ético, é possível promover não apenas o autogoverno do professor, mas também o exercício consciente da orientação dos educandos. Essa postura, quando articulada ao processo de autoconhecimento, possibilita aos estudantes o desenvolvimento de uma relação crítica com o saber e abre espaço para a problematização e a desconstrução de crenças que circulam na sociedade, provenientes de formas de controle e manipulação que operam na produção de subjetividades.

Isso demonstra que o cuidado de si não se refere a um individualismo autocentrado nem a uma postura egoísta, tal como ocorre na lógica neoliberal. No neoliberalismo, os sujeitos são convocados a gerir suas próprias trajetórias, assumindo integralmente a responsabilidade por sua formação e qualificação, com vistas a se tornarem produtivos e competitivos. Essa lógica de autovalorização pode ser compreendida à luz das análises de Dardot e Laval (2016), para os quais a racionalidade neoliberal produz formas de subjetivação que levam os indivíduos a conceber a si mesmos como empresas, orientando suas condutas pelos princípios da concorrência, do desempenho e do aperfeiçoamento contínuo.

O cuidado de si, por sua vez, baseia-se na premissa de que o adequado exercício do governo sobre os outros exige, antes de tudo, o cultivo do autoconhecimento e do autogoverno. Trata-se, portanto, da prática de uma liberdade ancorada na reflexão sobre si e na condução ética da própria existência, condição indispensável para o exercício responsável e ético da condução de outrem.

Diante disso, compreende-se que o cuidado de si se configura como uma necessidade fundamental, uma vez que a docência, como prática, exige, antes de tudo, um compromisso ético com a própria constituição do sujeito. Nesse sentido, tal prática deve ser circunscrita à garantia de condições mínimas para o exercício docente e para a preservação da saúde em suas dimensões física, emocional e mental, ao viabilizar formas de percepção, pensamento e ação orientadas à problematização dos processos de assujeitamento e das dinâmicas de renúncia de si. Trata-se, pois, de um movimento que possibilita ao docente problematizar sua própria conduta e as relações que estabelece consigo mesmo, com os outros e com o exercício da profissão, considerando as condições históricas e sociais que atravessam seus modos de ser e de agir.

Por fim, é importante evidenciar que o cuidado de si pode ser compreendido como uma prática de resistência, configurando-se como uma filosofia orientada pela problematização de si. Tal compreensão contribui para a construção de condições que favorecem o equilíbrio entre as

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

esferas pessoal e profissional, evitando a captura do sujeito por formas de domínio externo que tendem a ultrapassar os limites de sua autonomia, especialmente no que se refere às escolhas sobre a condução de sua vida. Desse modo, no contexto da docência, abrem-se possibilidades para a constituição de modos de subjetivação que não se limitem à reprodução dos discursos e das práticas hegemônicas. Trata-se de considerar as possibilidades de o professor problematizar as formas de governo de sua conduta, especialmente aquelas vinculadas à racionalidade neoliberal, e estabelecer outras maneiras de se relacionar consigo mesmo, com sua profissão e com as condições históricas e sociais que atravessam sua existência.

## Referências

BANDEIRA, Suzanne Rocha. *"Para além das competências"*: o cuidado em saúde emocional e a formação de professores do Ensino Médio. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

CANDIOTTO, Cesar. Práticas de subjetivação e experiência da sexualidade em M. Foucault: sobre o uso dos prazeres e o cuidado de si. *In*: RESENDE, Haroldo. *Michel Foucault:* política, pensamento e ação. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 77-94.

CASTRO NETA, Abília Ana de. *A precarização do trabalho e os impactos para o processo de adoecimento da classe trabalhadora docente*. 2020. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

CORAZZA, Sandra. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em Educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DILDEY, Caroline. *Novo Ensino Médio*: expressões de intensificação e precarização do trabalho docente. 2023. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade (1984). *In*: *Ditos e escritos V:* ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

GATTI, Bernardete Angelina. Contexto contemporâneo, cultura, educação e políticas voltadas aos docentes*. In:* GATTI, Bernardete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. *Políticas docentes no Brasil:* um estado da arte. Brasília: UNESCO, 2011a. p. 23-30.

GATTI, Bernardete Angelina. História e contemporaneidade: formação e trabalho de professores e professoras. *In:* GATTI, Bernardete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. *Políticas docentes no Brasil*: um estado da arte. Brasília: UNESCO, 2011b. p. 15-44.

GOMES, Marcel Maia; FERRERI, Marcelo; LEMOS, Flávia. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. *Fractal: Revista de Psicologia,* Niterói, v. 30, n. 2, p. 189-195, 2018. DOI: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5540. Disponível em: https://www.scielo.br/j/fractal/a/HDPxLw3pNsbmmZPLdnx6BRk/?lang=pt. Acesso em: 15 fev. 2026.

LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda. *Temas de pedagogia*: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

LUZ, Helder Corrêa. *O cuidado de si e dos outros no processo de subjetivação de um docente do ensino público em Belém-PA*: um ensaio sobre a vida como obra de arte. 2023. 215 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

MENDONÇA, Samuel; LEANDRO, Kelly Cristina. Conflito no ambiente escolar e o cuidado de si em Michel Foucault. Eccos – *Revista Científica*, São Paulo, n. 57, p. 1-18, 2021. DOI: https://doi.org/10.5585/eccos.n57.11349. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/11349. Acesso em: 17 fev. 2026.

NASCIMENTO, Thamyrys Fernanda Cândido de Lima. *Precarização, intensificação e adoecimento docente nas escolas de referência em ensino médio e escolas técnicas estaduais do Estado de Pernambuco.* 2024. 296 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. e84910, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-623684910. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/?format=html&lang=pt. Acesso em: 15 fev. 2026.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação & Sociedade,* Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, 2004. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000400003.

ORBEN, Douglas João; ROCHA, Marta. Contribuições da ética do cuidado de si (Michel Foucault) para o ensino de filosofia. *REFilo – Revista Digital de Ensino de Filosofia*, Santa Maria, v. 8, p. 1-

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

25, 2022. DOI: https://doi.org/10.5902/2448065768134. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/68134. Acesso em: 18 fev. 2026.

PETRINI, Silvane Gema Mocellin. *Nas tramas do empreendedorismo*: a emergência de novos sujeitos na/da educação. 2022. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

PINHEIRO, Luciana Pereira Leal. *Formação docente*: a forma(ta)ção de subjetividades nas/pelas tramas da racionalidade neoliberal. 2022. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PRIMO, Maria Clara dos Santos. A passagem da parresía em sua dimensão política para a constituição ética do cuidado de si em Michel Foucault. *Cadernos do PET Filosofia*, Teresina, v. 15, n. 30, p. 104-122, 2025. Disponível em: https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/6325. Acesso em: 18 fev. 2026.

RESENDE, Haroldo. *Michel Foucault*: política, pensamento e ação. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SENA, Patrícia Sinara Gomes Santos. *Sentidos de ser professor em face das condições de trabalho e das exigências da profissão no Ensino Médio*. 2022. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.

SILVA, Andréa Carla Castro e. *Efeitos do discurso neoliberal na educação*: o projeto de vida como dispositivo pedagógico de formação do sujeito empresa. 2023. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SILVA, Nyrluce Marília Alves da; FREITAS, Alexandre Simão de. O sujeito da educação: problematizações a partir da noção de cuidado de si. *Poiésis*, Tubarão, n. esp., p. 86-102, 2011. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/751/702. Acesso em: 20 fev. 2026.

SOAVE, Cláudia. *Horizontes da complexidade*: a religação dos saberes e o cuidado de si e autoética como contribuição à atuação docente. 2020. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020.

TEIXEIRA, Marcos Torres. *O cuidado de si e educação libertária em Michel Foucault*. 2022. 64 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

VELASQUES, Matheus Trindade; WEINHEIMER, Gicele; WANDERER, Fernanda. Docências contemporâneas: do ensino de conteúdos à gestão das emoções. *Revista Eletrônica de Educação*, [*S. l.*], v. 18, p. 1-20, 2024. DOI: https://doi.org/10.14244/reveduc.v18i1.6613. Disponível em: https://reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6613?articlesBySimilarityPage=8. Acesso em: 18 fev. 2026.

DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i2

## SOBRE OS AUTORES

**Janeísa Botelho Barros Benevides** - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente (PPGEDuF/DEDC XII/UNEB), desenvolve pesquisa em Docência Contemporânea e sentidos do Cuidado de Si entre os professores do Ensino Médio. Servidora efetiva técnico-administrativa, Técnica em Assuntos Educacionais do IF Baiano - Campus Itapetinga.

Contribuição de autoria: conceitualização; investigação; metodologia; rascunho original; escrita.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7407755751381608

**Ginaldo Cardoso de Araújo** - Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente (PPGEDUF) e Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Contribuição de autoria: orientação da pesquisa, validação; supervisão; revisão inicial e edição.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2801448444389056

## AUTODECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A pesquisa não envolve seres humanos. Não foi utilizada nenhuma ferramenta de Inteligência Artificial na elaboração do texto.

Recebido em: 03.04.2026
Aprovado em: 16.10.2026
Publicado em: 14.11.2026